

Jornal do Sintufjrj

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Ano XXVI - Nº 1297

17 a 23 de junho de 2019

www.sintufjrj.org.br



45
milhões de
TRABALHADORES

na
**GREVE
GERAL**

CENTRO DO RIO DE JANEIRO, 14 DE JUNHO. Milhares na marcha contra a reforma da Previdência, na Presidente Vargas.

Páginas 4, 5 e 8

Os caminhos da reconstrução do Museu

Diretor adjunto expõe a estratégia para recuperar a instituição

MUSEU NACIONAL VIVE. Juntando recursos daqui e dali, o esforço abnegado de instituições e pessoas trará o museu de volta para a academia e a sociedade

A saga da reconstrução do Museu Nacional tem uma associação de amigos entre os protagonistas. A Sociedade Amigos do Museu Nacional (SAMN) está entre os articuladores do soerguimento da instituição. É a sociedade que gerencia os recursos oriundos do BNDES e de doações financeiras, como as do governo da Alemanha, do Conselho Britânico, entre outros.

“Estamos agora irmanados neste espaço que nos sobrou, o Horto Botânico, olhando para o futuro com outras perspectivas: a construção de um novo museu nacional”, disse o antropólogo e diretor adjunto técnico-científico, Luiz Fernando Dias Duarte.

A perspectiva de recuperação do museu está sendo debitada muito mais ao apoio internacional do que à ajuda interna. No momento o museu negocia doações com os governos do Japão e da Itália. Universidades e instituições de pesquisa do exterior têm manifestado interesse em apoiar o resgate do

museu. Internamente, algumas empresas, como a Petrobras, entraram no rol dos auxílios.

Empresários

Luiz Fernando lamenta a ínfima participação do empresariado nacional no esforço de reconstrução da instituição. “Há um ator ausente nessa história, que é o empresariado brasileiro”.

O antropólogo faz uma analogia: “Apesar de nós termos uma conta aberta pela associação de amigos do museu – conta SOS Museu Nacional aqui no Brasil e nos Estados Unidos para doações em dólar – e de estarmos abertos a negociações das mais variadas para angariar recursos, não se sente em nenhum momento aquela pulsação como a que o mundo assistiu, solidário, no incêndio da Catedral Notre Dame, em Paris”.

Mesmo com o país em crise, a não contribuição brasileira é gritante. “É claro que a situação de crise econômica e política do Brasil não facilita também que as empresas, possíveis

doadoras, não estejam sensibilizadas para isso, mas de qualquer maneira é notável que haja tão pouca iniciativa. Mesmo em situações de crise, sempre poderá haver espaço para que se produza uma ação benemerita para resgatar uma joia da identidade nacional, como é o Museu Nacional”, lamentou Luiz Fernando.

Além de se desdobrar para se manter vivo, o Museu Nacional ainda enfrenta as ingerências do Tribunal de Contas da União (TCU). “Uma das coisas que tem nos travado um pouco são as investigações do TCU. Querem colocar a culpa do que aconteceu nos gestores do museu, da universidade e da associação de amigos. E todos nós sabemos que o problema não estava aí. Todos nós estávamos muito zelosos, ocupando uma boa parte de nossa vida profissional e acadêmica na defesa do Museu Nacional, e sem recursos. Onde estavam os responsáveis efetivamente pelo que aconteceu? Em posições muito mais altas que os gestores locais”, cobrou o diretor.



DIRETOR Luiz Fernando descreve o dia a dia da busca de apoio

O plano

São duas linhas de atuação que a direção trabalha para recuperar o Museu Nacional. A primeira está focada na reconstrução do prédio, o Palácio de São Cristóvão, com recursos liberados ainda no governo Temer e parte do dinheiro doado pelo governo da Alemanha.

A segunda linha de atuação é a ocupação do terreno contíguo ao Horto Botânico, que era o terreno das antigas Cavalariças do Palácio e que

serviu de estacionamento nas olimpíadas. São 40 mil metros quadrados, onde será construído um campus universitário.

Para a realização desse projeto, o museu dispõe da verba da emenda parlamentar da bancada federal do Rio de Janeiro, aprovada ano passado. Segundo o diretor, a dificuldade foi o contingenciamento da verba – de R\$ 55 milhões caiu para R\$ 43 milhões.

Rio+Seguro Fundão em xeque

Diseg está fora do contrato, e PMs e guardas municipais agem na Cidade Universitária da mesma forma como atuam na cidade

Estudantes sendo revis-
tados a todo momen-
to, diretores de uni-
dades preocupados com as
abordagens de alunos por
policiais dentro do espaço
acadêmico, bancas de cam-
elôs derrubadas e peque-
nos comércios obrigados a
encerrar suas atividades.

Esta passou a ser a reali-
dade vivida pela comuni-
dade universitária no campus
do Fundão desde o dia 7
de junho, quando a Rei-
toria implantou o projeto
Rio+Seguro Fundão, uma
parceria da UFRJ com a Se-
cretaria municipal de Or-
dem Pública (Seop) da Pre-
feitura do Rio de Janeiro,
sem a participação da Divi-
são de Segurança (Diseg) da
universidade, ao custo de
R\$ 168 mil mensais.

O relato sobre esses fa-
tos feito pelos estudantes na
última sessão do Conselho
Universitário não foi surpre-
sa para os vigilantes patrimo-
niais da UFRJ, que já espe-
ravam por um policiamento
feito à semelhança do que
ocorre no restante da cidade,
sem levar em conta as espe-
cificidades de um campus
universitário.

Os vigilantes não se con-
formam em ficar de fora do
contrato assinado entre a
UFRJ e a Seop.

Insensibilidade dos gestores

“Para fazer segurança,
tem que ter políticas aplicá-
veis à área e o envolvimento
de todo mundo. Nossa segu-
rança é humanizada, porque
cuidamos de um público
diferenciado. Nos fazemos
respeitar com diálogo com
os estudantes, e os vende-
dores não nos trazem pro-
blemas. As consequências
futuras podem ser ainda
piores, resultando em mor-
te de jovens e trabalhado-
res aqui dentro. Porque a



FotoRenarSilva

QUEIXAS. Quadros da Divisão de Segurança discutem a situação criada pela implantação do Rio+Seguro na UFRJ

visão de segurança deles é
diferente da nossa”, alertou
o coordenador de Seguran-
ça da Diseg, Robson Gon-
çalves, respaldado pelos
seus 30 anos de experiência
de atuação no campus.

Robson assim como todo
o efetivo da Diseg – confor-
me foi explicitado na reu-

nião realizada pelos vigilan-
tes para discutir a situação
– não são contra o reforço
na segurança no Fundão,
que somente este ano re-
gistou 20 roubos de carro,
mas discordam da forma
como o contrato com a Seop
apresenta o trabalho. O que
eles não aceitam é estar

fora do contrato, assistir às
ações temerárias dos PMs e
guardas municipais e aten-
der ligações de diretores de
unidades acadêmicas pre-
ocupados com as abordagens
inadequadas.

“Não somos favoráveis
a determinados comporta-
mentos, mas chegamos com

harmonia e inibimos o cri-
minoso. Agimos com base
na autonomia universitária
no patrulhamento com via-
turas e armados. Se estívés-
semos participando, terí-
amos planejado um trabalho
conjunto, evitando possíveis
transtornos”, disse o coor-
denador de Segurança.

Esquecidos pela gestão

Outro motivo de quei-
xa da Diseg foi o investi-
mento feito pela Reitoria
para oferecer instalações
decentes para o efetivo do
Rio+Seguro Fundão. O espaço
antes utilizado pelo projeto
assistencial Recomeçar que atende
crianças carentes do Instituto de
Puericultura e Pediatria Martagão

Gesteira (IPPMG) há vários
anos, localizado no terreno
do Instituto de Estudos em
Saúde Coletiva (Iesc), foi to-
talmente reformado e equi-
pado – tem recepção, sala
de permanência para os
policiais, sala de reuniões,
banheiro e lavatório, uma
copa/cozinha, dois ares-
-condicionados, um bebe-
douro e telefone. Enquanto

a Diseg continua funciona-
do provisoriamente num
antigo galpão de oficina.

“Vivemos de promessas
e em meio a lacraias, com
água cobrindo nossos pés
quando chove, um verda-
deiro buraco”, listou uma
vigilante revoltada. O local
é sujo, os banheiros dani-
ficados e com vasos sem
tampas. Nos dois dormitó-

rios (masculino e femi-
nino) só há duas camas,
para atender a turnos
com até 14 vigilantes.
A rede elétrica precisa
urgentemente ser troca-
da, assim como o piso e
os armários enferrujados,
alguns até sem porta. Os
dois aparelhos de ar con-
dicionado só funcionam
na ventilação.

45 milhões aderem à greve geral

Os números são das centrais sindicais e celebram o desdobramento da luta unitária dos setores progressistas da sociedade contra a reforma da Previdência e em defesa da educação

Da rodovia que liga Guanambi a Malhada, no interior da Bahia, no Nordeste profundo, aos centros das maiores metrópoles do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, a força da greve geral mostrou seu fôlego.

O movimento desta sexta-feira, 14 de junho, é o desdobramento da frente unitária que envolve centrais sindicais, movimentos sociais, o amplo leque de setores progressistas contra a reforma da Previdência e na defesa da educação pública.

Pelas estimativas das centrais sindicais, pelo menos 45 milhões de trabalhadores participaram da greve geral em 380 cidades. São números impressionantes que autorizam sustentar que a política alinhada às conquistas sociais voltou às ruas com força.

A força da oposição nas ruas é o fato que explica que os protestos pacíficos no Rio e em São Paulo tenham sido dissolvidos com bombas de gás e balas de borracha disparadas por policiais militares, a milícia fardada de Wilson Witzel e João Dória.

Houve manifestações em todas as capitais e no Distrito Federal. Trabalhadores e trabalhadoras protestaram contra a reforma da Previdência de Jair Bolsonaro (PSL) desde as primeiras horas da manhã dessa sexta-feira (14).

No Rio, a alvorada dos protestos foi puxada por sindicalistas e estudantes da UFRJ, que fecharam logo cedo uma das pistas da Linha Vermelha.

No início da manhã, motoristas e cobradores de ônibus e trabalhadores dos metrô de várias capitais cruzaram os braços. Em São Paulo, parte das linhas de ônibus, trens e várias esta-



REPRESSÃO. PMs atacam professoras indefesas na marcha

ções do Metrô estiveram paradas, especialmente nas zonas Norte e Leste da capital paulista.

Em capitais de estados como Ceará (Fortaleza) e Pernambuco (Recife) e no Distrito Federal (Brasília), ônibus e metrô pararam. Nas capitais João Pessoa, Curitiba, Maceió, Rio de Janeiro e Salvador, protestos bloquearam vias da cidade e saídas dos ônibus das garagens.

No ABC paulista, 98% das fábricas do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC estiveram fechadas, 65 mil trabalhadores cruzaram os braços contra o fim da aposentadoria e

por mais empregos.

No início da madrugada, o presidente da CUT, Wagner Freitas, e o secretário-geral, Sérgio Nobre, estiveram com os trabalhadores da Volks, em São Bernardo do Campo.

Em praticamente todo o país, as agências bancárias amanheceram fechadas. Em São Paulo, principal centro financeiro do país, os bancos não abriram. Trabalhadores e trabalhadoras da educação também aderiram massivamente à greve geral. Escolas públicas e particulares, universidades e institutos técnicos permaneceram fechados nessa sexta-feira.



MASSA NAS RUAS. A greve geral foi encerrada no Rio de Janeiro com uma passeata depois da concentração na Candelária

EDITORIAL

Governo em crise, povo na luta!

Uma fresta de sol revigorante para os que sonham e lutam por democracia, direitos sociais e liberdade. Esta é a síntese dos acontecimentos de uma semana iniciada com o bombástico escândalo da #VazaGate, revelando os bastidores repletos de ilegalidades e armações da Operação Lava-Jato e a conduta parcial e criminosa do juiz Moro, passando pela crise do governo com o Congresso motivada pelas alterações no relatório da reforma da Previdência e culminando com atos políticos em 350 cidades, mobilizando milhões de trabalhadores para rechaçar com veemência a política assassina do governo: extinção da aposentadoria,

cortes na educação, fim da soberania nacional e dos direitos do povo, tendo como tempero um blá-blá-blá ideológico fascista de quinta categoria.

A greve geral de 14 de junho catalisou a insatisfação popular com um governo que acumula fracassos. O desemprego segue em galope acelerado; a troca de ministros mantém a média: o general Santos Cruz, em rota de colisão com o filho tuiteiro (e duplê de vereador) do presidente, deixou a Secretaria de Governo e foi substituído pelo general Ramos, apresentado como o “pitbull” do

inequívocos da retomada das ruas e praças como espaços privilegiados da disputa política e de exercício ativo da cidadania. A Greve Geral de 14 de junho dá um passo além: sua dimensão nacional, a combinação de atos de impacto nos serviços e na produção com grandes passeatas e a ação solidária da classe trabalhadora e da juventude esquentam a possibilidade de derrota do governo na tentativa de extinguir a previdência social. É preciso organização, unidade e ação política cotidiana para aproveitar as fissuras e bloquear os ataques de Bolsonaro e sua gangue. É hora de arregañar as mandíbulas e reagir!

Neste cenário de terra arrasada, é alvissareiro que a luta popular recupere, passo a passo, a dimensão de luta de massas. Os atos de #15M e #30M foram sinais

Educação com forte presença

A greve geral dessa sexta-feira vem na sequência de duas manifestações puxadas pelo setor de educação. Milhares de pessoas foram às ruas nos dias 15 e 30 de maio.

A mobilização de estudantes, técnicos-administrativos e professores nos atos anteriores explica a forte presença deles na greve geral. Havia muitos estudantes secundaristas.

Cabe destaque à participação dos três segmentos da UFRJ nos protestos de combate ao governo Bolsonaro,

ao desemprego, à tentativa de pôr fim à previdência pública e contra os cortes nos recursos da educação.

Como nos atos públicos anteriores, o pessoal da UFRJ se concentrou no Largo

de São Francisco, diante do IFCS. Depois do aquecimento – o que nessa sexta-feira envolveu a distribuição de cartazes pelo Sintufjr –, o bloco da universidade se dirigiu à Candelária.

Solidariedade

Na esteira da repressão covarde do pelotão de choque da PM que dissolveu o protesto pacífico, os técnicos-administrativos Ygor

Alves e Esteban Crescente, trabalhadores da UFRJ, foram detidos. O Sintufjr se solidariza com os companheiros.



SINTUFJR PRESENTE. Na Presidente Vargas, a presença da comunidade universitária da UFRJ

SUS e direitos são temas de jornada

Serviço Social do HUCFF organizou evento no qual também se reafirmou a posição em defesa da diversidade

A resistência e as lutas para a garantia de direitos, e o impacto da radicalização do capital no Sistema Único de Saúde (SUS), foram temas discutidos na XV Jornada de Intercâmbio de Trabalhos de Serviço Social na Área da Saúde do Estado do Rio de Janeiro, realizada na quinta-feira, 13, pelo Serviço Social do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF). O evento também marcou o Dia do Assistente Social, que é comemorado em 15 de maio.

O objetivo desta edição da jornada foi reafirmar o posicionamento do serviço social em defesa da liberdade, da diversidade e da pluralidade, das políticas sociais e dos direitos sociais. “Vivemos tempos sombrios e, nas palavras de Braz (Marcel Braz, doutor em Serviço Social), sofremos um golpe nas ilusões democráticas, que resultou na vitória de uma ofensiva neoliberal sem precedentes, trazendo elementos de um conservadorismo reacionário”, disse a chefe do Serviço Social do HUCFF, Vanessa Barreto.

Tradição

A jornada é realizada há 15 anos, e sempre com temáticas relacionadas a políticas públicas que interferiram diretamente na profissão de assistente social. Inscreveram-se 157 pessoas: da Uerj, Unirio, UFRJ, dentre outras instituições. Embora seja organizado pelo Serviço Social do HUCFF, o evento é voltado para o intercâmbio de trabalhos na área da saúde e já se tornou uma referência no estado,

segundo Elen Regina, chefe de Seção de Pacientes Externos do hospital.



Fotos: Renan Silva

VANESSA BARRETO. "Vivemos tempos sombrios"

nessa Barreto, os centros decisórios do estado fecham-se a qualquer tipo de demanda que defenda direitos sociais dos seg-

mentos subalternos da sociedade. “É neste cenário que os assistentes sociais realizam sua intervenção profissional e

constroem respostas profissionais”, disse.

A coordenadora do Sintufjr Joana de Angelis ressaltou a importância da continuidade de realização do evento e afirmou que a jornada que se realizava sinalizava a resistência dos profissionais aos ataques contra a educação, a saúde e as políticas públicas. “Estamos organizados, discutindo políticas públicas de saúde da nossa universidade, e sinalizamos, deste local, o comprometimento dessa categoria com essas questões. Temos, sim, que mostrar à sociedade, cada vez mais, o compromisso que temos com a população, com a produção de conhecimento e com todos os serviços que mantemos com toda a qualidade. É muito satisfatório para nós, do Sintufjr,

da gestão Resignificar, estarmos juntos em todas as ações que sinalizem que estaremos na resistência. Só assim conseguiremos barrar os ataques deste governo à universidade pública e à UFRJ”, concluiu.

Participações – Além de representantes da direção do HUCFF, estavam presentes na abertura da jornada Levi Rosa, diretor da Divisão de Apoio Assistencial; Miriam Krenzinger, diretora da Escola de Serviço Social; Mônica Simone Olivar, representante do Conselho Regional de Serviço Social; Thaís Gomes, da Associação Brasileira de Estudantes de Pós-Graduação em Serviço Social; e Maria Luiza de Oliveira, coordenadora-geral do Programa de Residência Multiprofissional do Hospital Universitário.

Embora seja organizado pelo Serviço Social do HUCFF, o evento é voltado para o intercâmbio de trabalhos na área da saúde e já se tornou uma referência no estado



JOANA DE ANGELIS. Evento associado ao movimento de resistência aos ataques à educação

Estudantes do ensino médio ocupam universidade

Programa Conhecendo a UFRJ atrai milhares de alunos, em verdadeiras caravanas exploratórias sobre o que se faz por aqui

Mais de cinco mil alunos do ensino médio, da rede pública e particular, participaram do programa Conhecendo a UFRJ, de 11 a 13 de junho. Toda a comunidade universitária se mobilizou para mostrar a infraestrutura do campus, cursos, pesquisas e projetos de extensão. O evento é o maior realizado anualmente pela universidade e mobiliza técnicos-administrativos, docentes e estudantes.

Os estandes sobre os cursos oferecidos pela UFRJ na graduação foram montados no Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Tecnologia (CT), Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN) e na Faculdade de Letras, onde também ocorreram as palestras.

Os alunos também participaram de visitas guiadas a laboratórios e exposições, a oficinas de teste para habilidades específicas, e assistiram a apresentações de dança e música.

Resistência

O Conhecendo a UFRJ é coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão (PR-5) e realizado desde 2004, com apenas uma interrupção, em 2012.

Devido às dificuldades de infraestrutura e à falta de recursos, a edição deste ano foi batizada de “resistência”, e ganhou contornos mais modestos.

“Não tivemos como fazer aquele megaevento na Escola de Educação Física e Desportos, que já reuniu cerca de 15 mil estudantes nos três dias. Desta vez, a programação foi dividida em quatro centros (a Faculdade de Letras pertence ao Centro de Letras e Artes (CLA), e recebemos 5.400 estudantes do ensino médio,



Fotos: Renan Silva

ÊXITO. De acordo com os organizadores, o evento, descentralizado em quatro centros, atraiu cerca de 5.400 estudantes



MICHELE. Coordenadora

sendo que 60% das vagas foram destinadas a escolas públicas”, explicou Michele Moreira, coordenadora-geral de produção do evento.

Segundo Michele, cerca de 500 pessoas da comunidade acadêmica foram envolvidas na programação, e a produção foi toda executada pelos técnicos-administrativos da PR-5 e da administração dos centros.

Universidade para todos

Em uma das palestras no auditório do Quinhentão (CCS), o pró-reitor de Políticas Estudantis, Luiz Felipe Cavalcanti, destacou a grandeza da UFRJ e a importância de uma instituição pública de ensino.

“Tem que ser um compromisso nosso garantir que a universidade federal e toda escola pública continuem públicas, gratuitas, laicas, diversas e socialmente referenciadas. Este lugar precisa ser de vocês, principalmente dos estudantes da rede pública”, disse Cavalcanti.

Para a coordenadora de Educação, Cultura e Formação Sindical do Sintufrj Joana de Angelis o Conhecendo a UFRJ é muito importante para a universidade, porque mostra para a sociedade a sua produção. “É um momento de resistência para a universidade pública e para toda a sociedade, que precisa preservar o valioso ensino público de qualidade para todos”, afirmou.

Ex-aluna da UFRJ e da Fiocruz, Cristina Leal, professora de Biologia numa escola pública de Magé, acompanhava um grupo de estudan-

tes. “Eles precisam saber como é importante ter acesso a uma universidade pública de qualidade e que podem pertencer a este espaço. Porque eles veem a universidade como algo que não podem alcançar”.

No estande do IFCS, no CCMN, Aline Rangel, técnica em assuntos educacionais, definiu: “Este evento mostra como é a dinâmica da universidade para os estudantes de ensino médio. É o momento de esclarecer dúvidas, saberem como é o mercado de trabalho”.



FotosRenataSilva



Do WhatsApp ao Telegram

A comunicação visual sempre foi tradição das manifestações de rua, claro. Mas recentemente, porém, elas ganharam um frescor estético sem perder a força espontânea das mensagens que, com criatividade, quase, mas nem sempre, recorrem ao humor. Na marcha deste 14 de junho, os cartazes do Sintufrrj foram disputados na concentração da UFRJ, em frente ao IFCS. O êxito foi tanto, que o pessoal fazia questão da foto. A ironia fina de uma das mensagens ganhou a preferência: “O governo do WhatsApp se ferrou no Telegram!”, numa alusão, você sabe a quem.

